

## Capítulo 10

# Aspectos da neolitização: problemas e perspectivas

## 10.1. Aspectos da neolitização: problemas

---

Não me parece, neste momento, legítimo terminar o texto com uma conclusão.

Poder-se-ia, por isso, reservar estas últimas páginas para, e quase como num *post scriptum*, tecer considerações várias sobre as consequências sociais do processo que foi analisado, e sobre as múltiplas formas em que os Presentes, que se re-inventam, re-escrevem os seus Passados.

Nestes domínios, as escritas produzidas, ao longo de mais de um século, sobre o Neolítico constituem claros paradigmas dos sucessivos olhares que o Ocidente gerou sobre si próprio e sobre o Outro.

O Neolítico entendido, nos finais do século XIX e primeira metade do século XX, enquanto matriz fundadora da Civilização, enquanto momento inaugural na História de um Homem que doravante controla a Natureza da qual se tornará Senhor, e aparentemente carasco, transforma-se, nos discursos criados nas últimas décadas do século XX, numa imensa caixa de Pandora, de onde emergem parte substantiva dos males que afectam o mundo contemporâneo.

A origem da propriedade e portanto das desigualdes sociais, o crescimento demográfico e os consequentes desequilíbrios entre demografia e recursos, a antropização dos ecossistemas que inicia a longa série de atentados ao património natural, a estreita convivência com outros seres vivos, animais e humanos, que a domesticação e a sedentarização impõem e que justificam as recorrentes epidemias, o trabalho, de proveito diferido, como obrigatória forma de ocupar os dias, são algumas das mais negras facetas da modernidade cuja origem, remota, remonta aos universos criados pelos primeiros produtores de alimentos.

Estabelecendo um absoluto contraste, que hoje parece amargo, com os sistemas culturais neolíticos encontram-se os relatos, mais ou menos idealizados, acerca dos grupos de caçadores-recolectores, descritos como os últimos habitantes de um paraíso perdido, ocupando territórios que se assemelham a imensos jardins, de temperaturas amenas e onde abundam plantas e animais. O carácter idílico desta Idade do Ouro, como a concebeu Camps (1982), acentua-se quando, no registo etnográfico, se constata o escasso número de horas que os não-produtores dedicam “ao trabalho”, e a liberdade de movimentos e de acções que caracteriza a existência destas comunidades, onde parecem ignorar-se as regras da hierarquia e os mecanismos de coacção social.

Por isso, estes grupos que ocupavam, na perspectiva dos evolucionistas de Oitocentos, os mais baixos degraus da escada do Progresso provocam, em algumas elites urbanas, uma compreensível nostalgia que os faz regressar, numa recuperação inventada de vidas comunitárias, às serranias esquecidas pelo Presente *high-tech*.

Perante este quadro, a neolitização do espaço europeu, que implica o desaparecimento irreversível, no espaço de cerca de dois milénios, dos sistemas sociais de caçadores-recolectores resume-se a uma história de um genocídio cultural, que seria hoje ferozmente condenada em múltiplos *fora* mundiais.

A contaminação social, a descaracterização cultural e o extermínio de algumas formas de vida que estão subjacentes a estes processos de neolitização parecem, no Presente, uma precoce manifestação dos nefastos efeitos dos fenómenos de globalização.

E, no Ocidente, o desaparecimento destas formações sociais confunde-se com os fenómenos de neolitização que afectaram as regiões temperadas do continente europeu.

Numa perspectiva indigenista, este é um processo de passagem “politicamente correcto”. O desaparecimento de esta espécie concreta de sistema cultural é entendida como o resultado das dinâmicas próprias dos grupos de caçadores-recolectores, que autonomamente integraram inovações que não criaram, e que alteraram, a ritmos próprios, os seus padrões de comportamento.

A leitura difusionista ainda que, por regra, não aborde explicitamente as consequências sociais do modelo que propõe, defende uma história que não é, nos seus contornos, tão pacífica.

Ao contrário do modelo percolativo que, como num jogo infantil, depende da passagem de informação de próximo em próximo, e que confere a cada sujeito interveniente a possibilidade de participar e recriar, a difusão démica implica o efectivo contacto de culturas, do qual terá resultado o desaparecimento, ou a dissolução, das comunidades tecnologicamente menos sofisticadas.

Ainda que se possa argumentar que destes grupos desaparecidos sobrevive um legado genético, e eventualmente o enraizado gosto pela caça que leva, como disse Ortega y Gasset (1989), a que após cada revolução se transponham as fronteiras dos terrenos coutados, e que as revoluções tecnológicas do Passado não criaram, como hoje, abismos sociais e multidões de excluídos é inegável que, na Europa, depois da neolitização, os caçadores-recolectores, ou mais exactamente os sistemas culturais exclusivamente dependentes da caça e recolecção, já não estão documentados nas latitudes temperadas.

No mundo presente, onde a preservação, e inclusivamente a recuperação, das diferentes formas de vida é assumida, pelo menos teoricamente, como um objectivo comum, o papel dos primeiros produtores cuja expansão é, em última instância, responsável pela extinção dos modelos culturais das comunidades mesolíticas, seria numa hipotética tribuna da História, seguramente condenado.

A ausência de sinais de violência física não constitui uma atenuante substantiva. A perturbação social que é introduzida num sistema pela simples existência, nas suas proximidades, de outros modelos de cultura é suficiente para introduzir desequilíbrios em cadeia que conduzem ao desaparecimento das suas fórmulas originais.

Chega-se, necessariamente, a um ponto de encruzilhada, onde se traça a ténue fronteira entre os imensos proveitos gerados pela mobilidade espacial, pela troca de conhecimentos, pela miscigenação de indivíduos e de culturas, e as consequências da uniformização cultural e do desaparecimento da diversidade.

No entanto, e dada a natureza divagante e não conclusiva destas matérias, considera-se que mais adequado será utilizar este espaço para, e sem pretensões de exaustividade, enunciar algumas das múltiplas questões que permanecem em aberto, e cuja resolução depende quer da criação de uma base de dados mais ampla e de maior consistência interna, quer da reorganização do debate em torno de problemáticas menos abordadas.

## **10.2. Aspectos da neolitização: perspectivas**

---

Se, nos últimos anos, o número de sítios e de áreas peninsulares que estão directamente envolvidas no processo de neolitização tem conhecido um crescimento muito significativo é, ainda, nítido o imenso vazio de informação existente, no extremo ocidente da península, acerca de questões centrais dos mecanismos de neolitização e, por isso, o debate tende a centrar-se sobre a estilística dos recipientes cerâmicos e alguns traços tecno-tipológicos das

indústrias líticas porque, objectivamente, não estão disponíveis, ou são muito escassas, as informações de outra natureza, conectáveis com outras áreas dos sistemas culturais.

Relativamente ao fenómeno de neolitização do actual território português, estão por escrever múltiplas histórias que focam aspectos essenciais do fenómeno. Num plano eminentemente arqueográfico, são ainda muito significativas as lacunas de informação relativas aos campos que abaixo se descrevem.

### *Paleoeconomia*

São ainda graves as lacunas no campo paleo-económico, que neste processo constitui um dos vectores fundamentais da mudança. Em contraste, com as extensas listagens da fauna consumida nos contextos mesolíticos, nas ocupações neolíticas são muito exíguos os dados que directamente reflectem as estratégias de subsistência, e as modalidades da economia produtora não estão ainda integralmente percebidas.

A agricultura e a pastorícia estão arqueograficamente demonstradas sem que, no entanto, se possam tecer outras considerações acerca do peso específico dos produtos domésticos na alimentação destas populações.

Se as análises de isótopos estáveis de azoto e de carbono permitem distinguir a composição das dietas de grupos culturalmente diferenciados, e que ocupavam nichos ecológicos distintos (Zilhão, 1990), permanece por esclarecer o peso dos recursos domésticos na alimentação daqueles que, no Neolítico, consomem maioritariamente alimentos de origem terrestre.

Resultados como os obtidos a partir dos restos humanos do sítio mesolítico de Los Canes (Arias Cabal, 1999, p. 416), que se sobrepõe graficamente aos dos contextos neolíticos (Bamforth et al., 2003), permitem correlacionar as dietas com os territórios de exploração de recursos, independentemente da filiação cronológica e/ou cultural das populações estudadas.

Um inventário da totalidade dos contextos, muito raros, onde foi possível recuperar e classificar restos faunísticos, conectados com a prática da pastorícia, demonstra a escassez da documentação existente.

É referida a existência, no sítio do Padrão, de um pequeno conjunto faunístico que integra (Carvalho, 2002, p. 241) *Bos taurus* e *Ovis aries/Capra hircus*, na Cabranosa foi recolhida parte de um maxilar de *Ovis aries/Capra hircus* (Silva, 1997, p. 577), na Valada do Mato estão presentes restos de *Ovis aries/Capra hircus*, na gruta do Caldeirão os restos de *Ovis aries* e, com probabilidade, de *Capra hircus* estão atestados nos horizontes NA1 e NA2 (Rowley-Conwy, 1992, p. 245).

De entre estas ocupações, a detectada nos níveis do Neolítico antigo do Abrigo da Pena d'Água forneceu os dados numericamente mais significativos, que confirmam a existência, ao longo desta etapa, de um esquema misto onde cervídeos, bóvidos, ovicaprinos, suídeos e lagomorfos são explorados através da caça ou da pastorícia (Valente, 1998), mas não é viável, dado o pequeno número de restos classificados, calcular o peso das diferentes estratégias na economia destes grupos.

A evidência conectada com a actividade agrícola é, ainda, mais escassa. Neste momento, os dados do Buraco da Pala permanecem como os únicos testemunhos directos da actividade agrícola durante a fase antiga do Neolítico. Neste abrigo transmuntano, a presença de algumas dezenas de grãos de trigo (*Triticum aestivum*), de cevada de grão nu (*Hordeum vulgare* var. *nudum*), e de grão vestido (*Hordeum vulgare* var. *vulgare*), e de um pequeno número de sementes de fava (Sanchez, 1997, p. 55-56), constituem o inventário nacional das espécies cultivadas, em horizontes antigos.

No Ocidente peninsular, a existência, em contextos domésticos, de fossas escavadas no substrato rochoso, sugere a importância das práticas de armazenamento, no entanto, a ausência de ecofactos entre o material que preenchia estas estruturas, no sítio do Prado, em S. Pedro de Canaferrim, na Valada do Mato, ou no povoado da região de Cáceres, de Los Barreiros, não forneceu indicações acerca da funcionalidade original destes espaços, e do tipo de produtos que possam ter conservado.

O efeito das práticas produtivas sobre o meio ambiente não é também conhecido.

No Litoral/Sul, o episódio de desflorestação registado na sequência polínica da Lagoa Travessa, em torno de 6500 BP, parece excessivamente recuado para poder ser linearmente associado ao impacto antrópico resultante da criação de campos agrícolas.

Os sítios que, neste momento, se conhecem e que datam deste período não possuem evidências directas, ou mesmo indirectas, de uma actividade agrícola cuja intensidade pudesse estar na origem da alteração detectada no coberto vegetal.

A presença de raros animais domésticos e a, tardia, evidência directa do cultivo de cereais reflectem a mudanças nos sistemas, mas não permitem quantificar comportamentos, e detectar selecções e adaptações dos recursos domésticos, com eventual carácter cronológico ou ambiental.

### *Redes de povoamento*

São ainda graves as lacunas ao nível das redes de povoamento em que se integram as ocupações do Neolítico antigo. Na grande maioria dos casos existe um conhecimento, mais ou menos exaustivo, sobre sítios pontuais, que com dificuldade podem ser percebidos no seu enquadramento regional, e nas relações que estabeleceram com ocupações contemporâneas ou imediatamente anteriores.

Se a evidência directa é diminuta e pouco esclarecedora no que toca à importância efectiva das práticas produtivas, ou a eventuais adaptações a cenários ambientais particulares, e faz supor a existência de um povoamento que se distribuiu entre povoados centrais e lugares de curta duração, com carácter logístico, esta é, sobretudo, uma hipótese de investigação que não está, para a quase totalidade dos territórios, arqueologicamente demonstrada.

A ocupação simultânea de grutas, abrigos rochosos e sítios ao ar livre, a implantação dos habitats sobre solos arenosos plio-pleistocénicos, como acontece na Caramujeira (Gomes et al., 1978), na Cabranosa (Cardoso et al., 1998), e na Salema (Silva e Soares, 1981), em áreas calcárias como no Maciço estremenho (Zilhão e Carvalho, 1996), ou junto a destacados afloramentos graníticos, como em S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1996), ou na Valada do Mato, reflecte a existência de padrões de implantação muito diversificados, e a exploração de áreas de litologia diferenciada.

Este quadro contrasta com o modelo único de ocupação de territórios que se define em outras rotas de neolitização, como a da Europa central, onde os primeiros produtores parecem de forma sistemática, e entre um leque amplo de possibilidades, ter quase exclusivamente optado por zonas específicas da paisagem (Bogucki, 1997).

Os significados cronológicos, culturais e ecológicos desta diversidade, que é própria ao Neolítico antigo do Mediterrâneo ocidental, são, no entanto, ainda difíceis de precisar, mas traduzem um conhecimento profundo da paisagem e das suas potencialidades.

### *Organização interna do habitat*

São ainda graves as lacunas no que diz respeito à organização interna das áreas de habitat. Ao contrário dos arqueólogos da Europa Central que dispõem de plantas de definição “etnográfica”, como as realizadas a partir das aldeias neolíticas LBK, é difícil para os investigadores, no extremo ocidente da península, remontar, ainda que mentalmente, um povoado temporário ou permanente, dos primeiros grupos neolíticos.

As escavações, por regra, restringem-se a áreas de pequena dimensão, a partir das quais não é possível detectar a lógica de funcionamento dos sítios, e a organização social que lhe subjaz. Admite-se a existência de estruturas residenciais frágeis e construídas em materiais perecíveis, mas, no registo, não existem dados substantivos que permitam confirmar, ou negar, essa suposição.

A identificação, no povoado de La Draga ou no povoado de La Marmotta, de cabanas rectangulares construídas em madeira revelou a presença de modalidades de construção de estruturas residenciais que não estavam identificadas no povoamento do Neolítico antigo no Mediterrâneo ocidental, mas desconhece-se a dispersão, no tempo e no espaço, deste tipo de sítios de habitat.

É, por isso, necessário intervir de forma continuada em sítios de diferentes tipologias, alargar as áreas escavadas de molde a serem recuperadas as estruturas eventualmente preservadas, e as plantas das superfícies de ocupação.

A dimensão dos sítios, as modalidades e a duração de ocupação dos habitats são questões em aberto, cujo esclarecimento depende de futuras intervenções no terreno.

Importa, portanto, reconstituir o “contexto das acções”, considerado uma plataforma indispensável para a reconstituição das modalidades de organização social destes grupos.

### *Componentes materiais*

São ainda graves as lacunas no que diz respeito ao conhecimento dos distintos elementos que compõe a cultura material destas populações. Ainda que os artefactos tenham sido o objecto central de parte significativa da bibliografia produzida, ao longo de décadas, acerca dos primórdios do Neolítico, não existe, como se podia supor, um detalhado conhecimento crono-tipológico acerca dos diferentes elementos da cultura material.

Só, recentemente, foi abandonada a arreigada tradição de publicar selectivamente os dados de escavação, onde se referia a presença de algumas peças “emblemáticas” num conjunto que, no essencial, era rudimentarmente descrito.

No entanto, a aplicação de metodologias “modernas” de análise, assentes na descrição e quantificação exaustiva do material recuperado, se têm, recentemente, sido empregues na divulgação de resultados trabalhos actuais, e na revisão de algumas colecções antigas, não foram ainda, uniformemente, adoptadas e alguns sítios e questões-chave, neste processo, permanecem insuficientemente conhecidos.

Alguns conjuntos, descritos em poucas linhas, adquirem notável protagonismo nos discursos históricos ainda que, efectivamente, se não conheçam as suas reais dimensões e, portanto, o seu efectivo significado cultural.

Ao nível dos materiais cerâmicos, o objecto de estudo por excelência, com frequência não são apresentadas as dimensões do universo estudado (número de fragmentos recuperados, número de bordos, número de recipientes, número de peças com e sem decoração), e algumas questões, como por exemplo a percentagem de recipientes lisos nestes contextos são, a partir da bibliografia, virtualmente impossíveis de esclarecer.

No campo das utensilagens líticas, sobretudo no que se refere à componente de pedra lascada, tem-se assistido, nos últimos anos, a um significativo desenvolvimento de linhas de estudo que ultrapassam as sucintas referências tipológicas e que incluem também análises tecnológicas e funcionais.

A sistemática integração no debate de estes elementos da cultura material, tradicionalmente secundários na caracterização dos pacotes artefactuais dos primeiros grupos neolíticos, tem permitido detectar planos de continuidade/ruptura entre as utensilagens mesolíticas e neolíticas, questão determinante na identificação das modalidades de neolitização dos diferentes territórios.

### *Universo funerário*

São ainda graves as lacunas no conhecimento acerca dos lugares, dos rituais de enterramento e dos respectivos espólios votivos. Com excepção dos dados do Maciço Calcário estremenho, que provêm na sua grande maioria de escavações antigas e de contextos muito perturbados, desconhecem-se os lugares escolhidos e os rituais de enterramento praticados pelas primeiras populações neolíticas.

Neste ponto, a ruptura detectada na Estremadura, ao nível dos “espaços da morte” das populações mesolíticas e neolíticas, não pode ser imediatamente transportada para outras áreas. A dicotomia espacial que, por regra, os produtores estremenhos terão criado entre habitats e necrópoles parece, unicamente, confirmada nos dados da gruta alentejana do Escoural.

Neste momento, não se conhecem as necrópoles da primeira fase do Neolítico no Algarve, na Costa Sudoeste e no interior Centro e Norte do território actualmente português.

Identificar estes contextos, a sua proximidade/distância aos espaços habitacionais, os rituais de enterramento e as características dos espólios votivos configuram-se como pontos centrais do inquérito, uma vez que permitirão reconstituir comportamentos simbólicos, hoje mal conhecidos, e detectar áreas de identidade, ou descontinuidade, cultural.

### *Dinâmicas sociais*

São ainda graves as lacunas no que concerne à dinâmica evolutiva destes grupos, e às formas de transição, gradual ou abrupta, para a etapa que se define como Neolítico médio e sobre a qual ainda pouco se pode escrever. Como em outras áreas ocupadas por produtores de alimentos generalizam-se as cerâmicas lisas, e devem datar desta fase os primeiros monumentos do megalitismo funerário, mas as características dos contextos habitacionais permanecem, no essencial, por definir.

A maior parte dos sítios ocupados ao longo do Neolítico antigo terá sido abandonado em algum momento desta etapa cultural, e os indicadores de continuidade resumem-se aos pequenos conjuntos artefactuais, e às datas provenientes do horizonte NM da gruta do Caldeirão, e das camadas Ea e Db do Abrigo da Pena d'Água (Zilhão e Carvalho, 1996).

Se algumas grutas, ou abrigos sobre rocha possuem registos de sucessivas re-ocupações, os povoados de ar livre desta período são quase sempre “monofásicos”.

Uma breve apresentação das fases de ocupação propostas para os habitats de ar livre confirma este cenário: na Caramujeira admite-se, ainda que com algumas reservas (Gomes, 1994, p. 325), uma descontinuidade entre Caramujeira I, adstrita ao Neolítico antigo, e



Caramujeira II integrável no Neolítico final (Gomes et al., 1978, p. 47); na Cabranosa está documentada uma única ocupação cultural e cronologicamente homogénea (Ferreira, 1971; Zbyszewski et al., 1981; Cardoso et al., 2003); em Vale Pincel I e na Salema não existem níveis de utilização dos habitats integráveis no Neolítico médio (Silva e Soares, 1981); o sítio da Valada do Mato foi abandonado ainda no Neolítico antigo; e em S. Pedro de Canaferrim não foram recuperados elementos que pudessem pertencer a uma etapa média do Neolítico (Simões, 1999).

O imenso vazio de informação, ao nível dos contextos habitacionais, do período compreendido entre a 2.<sup>a</sup> metade do V e a 1.<sup>a</sup> metade do IV milénios cal BC é, sobretudo, um desvio arqueográfico conectado com uma particular tradição de investigação atenta a outras realidades, mas parece inegável que os lugares de povoamento desta fase não coincidem, e não se sobrepõe, aos ocupados ao longo do Neolítico antigo.

As causas da redefinição das estratégias de povoamento não são ainda conhecidas, e o aparente abandono de áreas intensamente ocupadas pode ter outros motivos que não exclusivamente os de ordem ambiental ou ecológica.

Em suma, a partir destas lacunas, e do número e natureza dos problemas em aberto, estabelecem-se óbvios limites ao desenvolvimento de um discurso que pretenda abordar áreas menos visíveis dos sistemas culturais.

A questão que se coloca aos que tratam o problema da neolitização de um território não é a da ausência de múltiplas perguntas, mas a da possibilidade de, no registo, se encontrarem as respostas.

Porque a partir da informação que se possui sobre artefactos, ecofactos, estruturas, estratégias de povoamento e esquemas de trocas e contactos não é, ainda, possível apreender as teias de significados com que os primeiros grupos produtores organizaram o real.

Os dados da Valada do Mato permitiram, em meu entender, ampliar o debate a outras modalidades e a outros aspectos da neolitização, onde são visíveis os resultados de fórmulas complexas, e precoces, de interacção, e de fusão diferencial entre “colonos” e “indígenas”, e entre componentes de cultura exógenos e componentes de cultura autóctones.

O sítio alentejano, ocupado num momento que coincide com o da desagregação das sociedades de caçadores-recolectores e com o da expansão territorial das sociedades produtoras, demonstra que neste processo os quadros explicativos unimodais não são suficientes para justificar a emergência dos novos cenários culturais.

Se os grupos cardiais foram responsáveis pela introdução no espaço ibérico do sistema neolítico, parece, como em outros processos revolucionários que aqueles que os desencadeiam perdem, num curto espaço de tempo, o protagonismo inicial.

Os componentes do pacote neolítico serão, num breve intervalo, manipulados e reestruturados por grupos que se distanciam, no tempo e no espaço, dos primeiros colonos da fachada mediterrânea peninsular.

O fenómeno de neolitização percorreu variados caminhos marítimos e vias terrestres, ao longo dos quais se geraram múltiplos epicentros de miscigenação e mutação cultural. Para este processo, contribuíram de formas diferenciadas “colonos” e “indígenas”, mas como se pôde observar no povoado da Valada do Mato, a História terá sido, quase sempre, escrita por mais de um autor...